



Vidas Secas

Graciliano Ramos

O contexto histórico: revoluções, eleições e constituições

No ano de 1929 ocorre o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, o que vai afetar violentamente o preço do café, principal produto de exportação do Brasil. No ano de 1930, Getúlio Vargas lidera uma revolução no Rio Grande do Sul, contra o governo de Washington Luís. Com apoio da Paraíba e de Minas Gerais, Washington Luís é deposto em pouco tempo, assumindo o governo do país uma junta militar provisória.

É dissolvido o Congresso Nacional, à exceção de Minas Gerais, os Estados passam a ser governados por interventores federais nomeados. Getúlio Vargas é aplaudido no Rio Grande do Sul e a nação apoia um governo revolucionário. O país entra em crise, enfrentando greves, tumultos. Os estoques de café, para garantia de preço, são queimados.

Em São Paulo, 1932, eclode a Revolução Constitucionalista, que defende a autonomia dos Estados. São Paulo perde a luta.

No ano seguinte, 1933, realizam-se eleições para formar a Constituinte. Em 1934 é promulgada a nova Constituição Brasileira. Getúlio Vargas vai à presidência da República. Em 1935, aprova-se a Lei de Segurança Nacional, dando ao governo poderes de repressão das atividades consideradas subversivas. O operariado entra em greve por todo o país. Há revoluções no Norte e no Nordeste. Decreta-se o estado de sítio no Brasil. Nessa época, 1936, Graciliano Ramos e outros companheiros comunistas — entre eles o chefe do Partido, Luís Carlos Prestes, — são presos no Rio de Janeiro.

Getúlio implanta o Estado Novo, em 1937, por meio de nova Constituição, de feitio fascista. Vários são os problemas político-sociais ocorridos entre 1939 — início da Primeira Guerra Mundial — e 1945, ano do término do flagelo e da deposição de Vargas, chegando ao fim o Estado Novo. Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República.

No plano cultural, o período vivencia a popularização do futebol e a oficialização do carnaval e corresponde à época áurea do rádio, o primeiro meio de comunicação de massa no Brasil; cultiva-se o samba-canção e pontificam autores como Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Francisco Alves, Carmem Miranda, Vicente Celestino.

A época: o segundo tempo modernista no Brasil

O Modernismo brasileiro, movimento artístico nascido em 1922, teve em sua primeira geração o arroubo da novidade. A rigor, o movimento viera com disposição de aniquilar o ideário precedente, de romper abruptamente com o passado mais absoluto. Se o Romantismo propusera a disponibilidade de regras e modelos, como apregoou Vítor Hugo, na França, fê-lo com relação ao modelo clássico. O Modernismo, entretanto, intenta romper com toda e qualquer estrutura passadista.

Daí o "escândalo" provocado pela Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

Passado o calor da primeira fase, observa-se, a partir de 1930, uma postura modernista mais equilibrada: uma postura que, em lugar de se prender pura e simplesmente aos processos de desintegração do passado, torna-se mais voltada para a sobriedade, para um certo equilíbrio emocional, para uma ótica de crítica social e política e pelo interesse de uma visão de conjunto da realidade nacional. Dessa forma, procuram-se consolidar as conquistas de 1922, absorvendo as novas formas e a liberdade de expressão e recuando em relação às propostas mais radicais. O plano ideológico vai sobrepor-se ao plano estético,

enquanto a temática amplia-se, caminhando para o universal. Assim, a produção literária percorre caminhos diferentes, que ilustram a riqueza e a fecundidade do período, em que se destacam:

- A poesia de cunho filosófico-ideológico de Carlos Drummond de Andrade;
- A poesia de cunho espiritualista católico do grupo "Festa", em que se reuniram nomes como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt;
- A poesia de inspiração surrealista de Murilo Mendes;
- A prosa psicológica de caráter intimista e introspectivo cultivada por Érico Veríssimo (em sua obra urbana), Otávio de Faria, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos, entre outros.
- A prosa regionalista nordestina, de cunho neo-realista, que reuniu o chamado "grupo do nordeste", com autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, e da qual o maior nome é, sem dúvida, Graciliano Ramos.

Como se vê, se de um lado o romance de 30 retalha e analisa a questão social do país, de norte a sul, por outro também reflete de maneira mais detida sobre o comportamento humano moral e psicológico.

O crítico Alfredo Bosi assim se refere à época:

"Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como a "era do romance brasileiro", E não só da ficção regionalista, mas também da prosa cosmopolita e das páginas de sondagem psicológica e moral.

Os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma certa retomada do naturalismo. E ao realismo científico e impessoal do século XIX nossos romancistas preferiram uma visão crítica das relações sociais.

No caso do romance psicológico, caíram as máscaras mundanas que empetecavam as histórias medíocres da belle époque: agora a introspecção seria feita no esteio da Psicanálise.

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance empenhado desses anos fecundos para a prosa narrativa."

O romance regionalista nordestino

O romance cultivado no segundo tempo modernista sofre influências do Realismo-Naturalismo do Século XIX. É por essa razão que essa geração é também chamada

de Geração Neorrealista. Produz-se, assim, uma prosa compromissada, engajada, que se marca pela análise, crítica e denúncia social, sugerindo a procura de soluções para as questões apresentadas e que se vai apoiar nos pressupostos herdados do século XIX: o psicologismo associado à dramaticidade das vicissitudes do homem.

Nesse berço, viceja a prosa voltada para o regionalismo nordestino, em busca da retratação de uma realidade dura: a vida agreste daquela região. Há uma abordagem de crítica social, analisando as consequências da seca, da natureza patriarcal instaurada e do coronelismo vigente, mas em deterioração.

Essa visão de análise social e política aponta para uma retomada dos temas abordados pelo Realismo-Naturalismo, abandonando, contudo, o cientificismo e o determinismo que apoiaram a literatura do século precedente. É o chamado Neorrealismo, surgido com o "Grupo Regionalista do Recife", em 1928.

Tem-se, entre José Américo de Almeida (*A bagaceira*), Rachel de Queiroz, (*O quinze*), e Jorge Amado (*Cacau*, *Jubiabá*), José Lins do Rego e Graciliano Ramos como os grandes expoentes dessa tendência, sendo Graciliano considerado o maior dos neorrealistas.

O autor

Nasceu em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrângulo, Alagoas. Aos dois anos de idade, muda-se com a família para Pernambuco. Logo depois, no mesmo ano, retorna para Alagoas, residindo, até 1914, em Viçosa e em Palmeira dos Índios.

Filho de comerciante, na empresa do pai estuda e trabalha. Em 1914 vai para o Rio de Janeiro. No ano de 1915 retorna a Palmeira dos Índios, onde se casa com Maria Augusta Barros, a qual morre no ano de 1920. Trabalhando no comércio, Graciliano colabora com a imprensa local. No ano de 1928, o romancista casa-se novamente, e é eleito prefeito de sua cidade. Nesse período conclui a escritura do romance *Caetés*.

Renunciando ao cargo de prefeito, transfere-se para a capital alagoana e é nomeado diretor da Imprensa Oficial. Em 1931, demite-se do cargo. No ano de 1932, está de volta a Palmeira dos Índios, funda uma escola e escreve sua obra *São Bernardo*, publicada em 1934. Em suas idas e vindas, termina, em 1933, novamente em Maceió e é nomeado diretor da Instrução Pública. Suas ideias políticas revolucionárias resultam a prisão e demissão do cargo público no Rio de Janeiro, no ano de 1936. Posto em liberdade no ano seguinte, fixa residência no Rio de Janeiro.

Em 1938 publica *Vidas Secas*.

Um ano depois, 1939, ascende ao posto de inspetor federal de Ensino. Filia-se ao Partido Comunista em 45, visita a Tchecoslováquia e a URSS em 1952. Falece no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953.

Vidas secas: retrato do nordestino flagelado pela seca

O texto é escoreito tanto no que se refere à correção gramatical quanto no que tange ao estilo. A linguagem é precisa e seca como a realidade que aborda. Graciliano soube escolher a *palavra medida*, a expressão justa e concisa em seu relato. Forma e conteúdo ajustam-se admiravelmente. O espaço em branco que precede a narrativa, — e todo texto nisto se insere: um vazio anterior e outro posterior —, assim como o que a sucede nada têm a acrescentar ao discurso de Graciliano. A linguagem seca, economizada, medida caracteriza a escassez absoluta dos recursos materiais e intelectuais do retirante nordestino, preso à inclemência da natureza e do destino.

Adverte o romancista:

"Quem dormiu no chão deve lembrar-se disso, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze."

O professor Antônio Cândido magistralmente faz referência a essa situação em sua obra *Ficção e Confissão*.

Duas são as obras marcantes do romancista: *São Bernardo* e *Vidas Secas*; há, todavia, muitos outros escritos de grande valor.

O enredo: entre duas secas

A obra perfaz 13 capítulos moldados à maneira de contos — têm relativa autonomia, exceto pela retomada de alguns temas. O próprio romancista manifesta-se, em carta a José Condé, sobre a feitura do livro:

"... Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinhá Vitória, meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos... Habituei-me tanto a eles que resolvi aproveitá-los de novo. Escrevi "Sinhá Vitória". Depois apareceu Cadeia. Aí me veio a ideia de juntar as cinco personagens numa novela miúda..."

A reunião dos episódios retrata o homem nordestino daquela geração; narra a saga de uma família (?) de retirantes. O grupo vive a dureza de um chão inóspito, sob o sol e submetido à seca assoladora e a toda sorte de infortúnio social:

"A caatinga estendia-se de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas, o voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos."

"Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido."

Quem são eles? Fabiano, o pai, Sinhá Vitória, a mãe, o filho mais novo e o filho mais velho, que não têm nomes (ou não são chamados por eles), um papagaio, que, por fim, lhes serviu de alimento, e uma cadela, provavelmente debilitada e ironicamente chamada Baleia — fazendo jus à crendice popular de que cachorro com nome de peixe não tem hidrofobia.

No primeiro capítulo, intitulado "Mudança", o narrador apresenta uma sequência de infortúnios por que passam Fabiano, o pai, Sinhá Vitória, a mãe, dois filhos: "o menino mais novo" e o "menino mais velho". Acompanha-os uma cachorra, a Baleia e um papagaio que morrera para, providencialmente, servir de alimento ao grupo:

"Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo..."

Não há comunicação entre as personagens. A aridez do solo reflete a aridez das almas. Por duas vezes, somente, o pai xinga o menino mais velho, irritado com suas "manhas".

Caminham em busca de melhor sorte. Fabiano e Sinhá Vitória buscam dias melhores: não é possível que a vida seja sempre assim.

A desgraça tem dinâmica: Sinhá Vitória carrega, além de um baú, o filho mais novo; Fabiano, ferido pela dureza do solo, não desiste da caminhada. O filho mais velho, desconsolado, enfraquecido, senta-se no chão e chora. Interrompe-se a perambulação. Quanta amargura! O pai, diante da situação, sente vontade de matar o filho choroso, mas desiste de mais esse infortúnio.

Mais lenta prossegue a viagem. O filho mais velho é agora carregado pelo pai, até que chegam à fazenda desolada.

O segundo capítulo, "Fabiano", trata do homem rude, sem discurso, entretanto, consciente de sua situação — um bicho:

"E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se:

— Você é um bicho, Baleia."

Ainda que estúpido, Fabiano admira o falar das pessoas instruídas:

"Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros

quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas em vão, mas não sabia que elas eram inúteis e perigosas."

Chega-se ao terceiro capítulo, "Cadeia". Aqui vem a relação do retirante — injustiçado pela natureza inclemente — com a grosseria do poder. Surge o Soldado Amarelo, figura representativa da autoridade governamental insensível e desonesta.

Sem que tenha cometido qualquer crime: metera-se em confusão arranjada pelo soldado Amarelo. Fabiano é preso e maltratado. Somem-lhe as esperanças de vida melhor para si e de educação para os filhos. A vida era isso.

"Passou a mão nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras...

[...]

Por mor de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família. [...]

[...]

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era as a todas as violências, a todas as injustiças. [...]

[...]

Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo."

No quarto capítulo, "Sinhá Vitória", a obra enfoca a mulher de Fabiano. Ela é esperta — descobre que o patrão é desonesto nas contas com Fabiano e tem mais poder de articulação verbal que o marido. Sinhá Vitória tem um sonho: uma cama com lastro de couro — a dela é só um jirau: uma cama de varas — igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice, segundo o marido. Doidice:

"Sinhá Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino. apenas grunhira: "Hum! hum!" E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. Sinhá Vitória andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé.

Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama. fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé de turco,

e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas.

Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. Fabiano a principio concordara com ela, mastigara cálculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinhá Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa. Tinham discutido, procurando cortar outras despesas. Como não se entendessem, Sinhá Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça [...]"

Quinto capítulo: "O menino mais novo". Garoto que almeja igualar-se ao pai. Assim, acomodado à dura realidade da vida. Em sua inocência, não dá conta da vida sofrida de Fabiano. Via no pai um grande homem: valente, grande, forte. Gostaria de impressionar o menino mais velho e a cachorra Baleia:

"Pôs-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se. Ia mostrar aos dois uma proeza, voltariam para casa espantados.

Aí o bode se avizinhou e meteu o focinho na água. O menino despenhou-se da ribanceira, escanchou-se no espinhaço dele.

Mergulhou no pelame fofo, escorregou, tentou em vão segurar-se com os calcanhares, foi atirado para a frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal, que saltava demais e provavelmente se distanciava do bebedouro. Inclinou-se para um lado, mas fortemente sacudido, retomou a posição vertical, entrou a dançar desengonçado, as pernas abertas, os braços inúteis. Outra vez impelido para a frente, deu um salto mortal, passou por cima da cabeça do bode, aumentou o rasgão da camisa numa das pontas e estirou-se na areia. Ficou ali estatelado, quietinho, um zunzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura.

Viu as nuvens que se desmanchavam no céu azul, embirrou com elas. Interessou-se pelo voo dos urubus. Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu.

Sentou-se, apalpou as juntas doidas. Fora sacolejado violentamente, parecia-lhe que os ossos estavam deslocados.

Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. [...]"

O sexto capítulo trata de "O menino mais velho". Pouco prezado na família, tinha, porém o afago de Baleia. Monossilábico, comunicava-se por exclamações e gestos. Segundo o narrador,

"Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca."

Aspirava a um amigo, a quem lhe desse a atenção que não tinha de sinhá Vitória nem de Fabiano; mas só Baleia o recompensava.

"O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, com as pernas abertas, desenrolando um meio de sola.

— Bota o pé aqui."

A ordem se cumpriu e Fabiano tomou medida da alpercata:

— Arreda.

[...]

Nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa, cansados e famintos. Sinhá Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pelo escasso. Ele, o menino mais velho, caíra no chão que lhe torrava os pés. Escurecera de repente, os xiquexiques e os mandacarus haviam desaparecido. Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta.

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne seca e pedaços de tocinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se as vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinhá Terta."

"Inverno" denomina-se a parte que constitui o sétimo capítulo. Se a seca e o calor são hostis à sobrevivência, o frio hibernal maltrata a quem não dispõe de recursos para uma habitação digna e vestimenta adequada. Ademais, um inverno tão rigoroso é raro no sertão curtido pelo sol e as pessoas não têm roupas quentes. Esse capítulo parece indicar que o destino do retirante é marcado pelo sofrimento, independente da estação do ano. Se há calor é excessivo; se há frio e chuva, há enchente. O destino é imutável.

"A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, Sinhá Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinza.

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras e o barulho do rio era como um trovão distante.

"[...] um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedras, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. De quando em quando estes se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir."

O capítulo oitavo, "Festa", apresenta a família de retirantes em preparativos a caminho da festa de Natal na cidade. O evento marca ainda mais a diferença social. O narrador começa por descrever a família metida

numa roupagem a que não se acostumara. Todavia, era necessário. Era tradição que não lhes cabia alterar. Seria desrespeito ir à igreja sem estar vestido a rigor:

Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade. Eram três horas, fazia grande calor, redemoinhos espalhavam por cima das árvores amarelas nuvens de poeira e folhas secas.

Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e pezunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos. Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinhá Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinhá Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua — e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinhá Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos. Sinhá Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas.

Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. Marchava direito, a barriga para fora, as costas apumadas, olhando a serra distante. De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. [...]"

Desta forma, além do infortúnio climático a que vivem submetidos, há a pressão social. Fabiano, sinhá Vitória e os meninos percebem estar fora de seu meio; admiram-se do lugar, mas são inadaptados a ele. A presença de muitos soldados amarelos trazia amargas lembranças a Fabiano, enquanto a sinhá Vitória restava o sonho de uma cama de verdade, como a de Seu Tomás da bolandeira.

No capítulo nono está registrada a morte da Baleia:

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados."

Devido à piora de que o animal é acometido, Fabiano decide abreviar-lhe o sofrimento: viria a matá-la a tiros, com uma espingarda de pederneira. Os meninos e sinhá Vitória ficam em desespero, rezam, choram. Sinhá Vitória xinga Fabiano, acha que ele deveria aguardar mais um pouco para decidir. Não. Não deve, "*Inconveniência deixar cachorro doido solto em casa.*" Enfim, todos gostariam de que nada acontecesse a Baleia, mas o destino é fatal. Baleia é morta.

Baleia é um animal-gente:

"Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras."

"Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se esponjariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes."

O capítulo "Contas", décimo, aponta para outra decepção do sertanejo: machucado pela natureza, exposto ao sol, à seca e ao frio intensos, não tendo pousada certa; preso pela "autoridade" representada no soldado Amarelo, deslocado na cidade, durante os festejos natalinos, impotente diante da morte da cachorra de estimação: como gente da família, Fabiano percebe a fraqueza diante do poder econômico. Os endinheirados sabem aproveitar-se da humildade alheia. Adianta revoltar-se? A revolta, então cede lugar à descrença e esta à resignação. Não há dúvida de que fora roubado no acerto de contas. Sinhá Vitória percebera-o, ao fazer seus cálculos contando grãos de feijão.

"Pouco a pouco o ferro do patrão queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

[...]

"O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. [...] Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher."

Em "O soldado amarelo", décimo primeiro capítulo, o narrador aprofunda a descrição física e psicológica do militar. É fraco física e moralmente, mas respeitado por ser uma autoridade: representa o governo. Representa, segundo Fabiano, quem manda, ainda que com grande injustiça. Na caatinga encontram-se Fabiano e seu algoz, de forma repentina, que o Soldado Amarelo estava perdido. Teve vontade de matá-lo: veio-lhe à lembrança o maltrato daquele canalha, fraco, magro. Um tapa que fosse...

Mas não fez nada. Governo é governo. E ensinou o caminho para o inimigo:

"[...] Imaginou-o assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam criação. Era um homem, evidentemente.

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.

Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

— Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo."

"O Mundo coberto de Penas" compõe o décimo segundo capítulo:

"O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo."

É um prenúncio de que a existência forma um círculo vicioso. Tudo vai recomeçar com a chegada da seca. Fabiano não tem mais esperanças. Traz marcas indeléveis em sua trajetória de retirante e sem dúvida essas marcas serão aprofundadas indefinidamente.

"Chegou-se à casa, com medo. Ia escurecendo e àquela hora ele sentia sempre uns vagos tremores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar Sinhá Vitória, combinar a vigem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara uma injustiça matando a cachorra."

"Fuga" é o capítulo derradeiro da obra. Fabiano percebe inevitável nova partida:

"A vida na fazenda tornara-se difícil." "Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família..."

Antes da partida, primeira vez marido e mulher conversam sobre seu destino: a partida irrevogável.

Saíram fugidos, pela madrugada. Não podiam saldar a dívida que lhes foi imposta.

Sinhá Vitória, ao passar pelo lugar em que brincaram os meninos e a cachorra Baleia, chora.

O episódio marca um instante em que sob a casca da brutalidade se percebe a carga lírica das personagens. Um lirismo que muitas vezes não vem à tona, sufocado pelas adversidades da existência.

É de notar que a obra inicia relatando uma fuga. Essa dinâmica, de certa forma, perpassa todos os capítulos, já que a instabilidade é a tônica dos episódios que vão, por fim detonar a próxima fuga e, talvez outra e outra...

Os dois universos em *Vidas secas*

A fuga de Fabiano e sua família não se prende apenas aos problemas climáticos. É, antes disso, uma relação de adversidade entre dois mundos: aquele de Fabiano e o da sociedade.

Há de um lado a camada impotente, submetida marginalizada e explorada: representam-na Fabiano, sinhá Vitória, Baleia, os meninos, o papagaio; enfim, as pessoas e seus pertences.

Na outra extremidade aqueles que representam o poder temporal e espiritual, o governo, o dinheiro: seu Tomás da bolandeira, o segundo patrão, o soldado amarelo, os habitantes da cidade com seu comércio, a religião que exige adequação a seu modelo etc.

A rigor, a seca não é fator preponderante para a retirada da família. O lado poderoso permanece na região. É a oposição de forças que determina os episódios da obra.

Fabiano espia a área. Nada. Tudo deserto. Tudo destruído.

Baleia fareja preás. Caça um, que traz como um troféu. Era pouco, sim, mas adiaria a presença da morte por inanição. Sinhá Vitória, com os meninos, vai aprontar a refeição trazida por Baleia. Fabiano sai à procura de um pouco de água. Dá com o rio seco e lamacento:

"... cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo."

Nessa situação, Fabiano recorda um tempo melhor, quando, antes da seca, a família vivia nas terras de seu Tomás da bolandeira. Sonhou com um futuro melhor: a seca arredaria e ele viveria bem com a família naquele sítio. Um sonho!

Retorna, trazendo um pouco de água para a família que aguardava o preá posto no espeto para assar. Também haveria os ossos para alimentar Baleia.

A aridez do espaço, a grosseria do ambiente também se projetam no espírito das personagens, mormente em Fabiano, homem rude, falto de palavras, infenso à comunicação até mesmo com seus familiares. É tão inútil a batalha pela sobrevivência quanto o registro do discurso das personagens. Além da desgraça, das andanças sem rumo, da fome — o papagaio, em dado momento, é a solução para matar a fome — há, ainda a repressão executada pelo "poder": Fabiano é preso pelo soldado amarelo. Que fizera o pobre Fabiano? Quem era esse miserável soldado, para tratá-lo assim?

Sinhá Vitória apresenta-se menos bruta que Fabiano. Ele, sim, era um animal: nada sabia, não tinha expressão verbal: falava monossilabicamente:

"...falava uma linguagem cantada e monossilábica, gutural que o companheiro (o cavalo de que se servia) entendia."

Considerava-se um bicho: era capaz de vencer as dificuldades, quaisquer que fossem. Se a vida era dura, ele o era mais.

"—Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

— Um bicho, Fabiano

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E com ela o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, [...]"

Arranjado emprego, na fazenda que ocupara, Fabiano tem lembrança do antigo patrão, Seu Tomás da bolandeira, homem lido, mas educado: não mandava. Pedia. E todos lhe obedeciam. Diferentemente daquele passado, o patrão atual é grosseiro.

O texto de Graciliano Ramos apresenta perfeita descrição física e psicológica de Fabiano. Se a personagem é quase muda, o narrador-onisciente invade-lhe a alma, numa profunda leitura de seus anseios: uma vida digna para si e para a família.

Entretanto, na fazenda, Fabiano não tinha qualquer valor: era um objeto, descartável, assim que não precisassem de seus serviços.

Nessa ansiedade Fabiano leva a vida. Depois da andança à procura de um animal perdido, retorna para a janta que sinhá Vitória preparara. Precisava conversar com ela a respeito da educação dos filhos.

Fabiano admirava as palavras difíceis e ininteligíveis: gostaria muito de compreendê-las e até de usá-las; mas... quem era ele? Respeitava a inteligência da mulher, sinhá Vitória. Desconfiava da "esperteza" daqueles com quem eventualmente tratava, mas nada podia fazer: era, definitivamente, um bruto. A própria cachorra Baleia mostra sinais de inteligência superior: enquanto Fabiano é zoomorfizado, Baleia é antropomorfizada. Por fim, Baleia é sacrificada — parece ter sido atacada de raiva .

Fabiano emprega-se numa fazenda. Desconfia das contas do patrão e as confere com Sinhá Vitória. Vê-se roubado, mas a situação degradante em que se encontra impede-o de reclamar. É necessário manter aquele emprego! Há o reencontro com o soldado amarelo: aquele que o prendera injustamente. Não se vinga. Sua dignidade revela-se na ajuda que presta ao soldado. O emprego na fazenda míngua. As esperanças se desvanecem com a seca prenunciada novamente. Têm de partir à busca de outro espaço. Mas a vida é assim: uma busca perene, uma procura indefinida, um fado interminável.

As personagens: vidas secas

- **Fabiano:** "...de olhos azuis, barba e cabelos ruivos...", foge às características físicas da maioria das personagens sofredoras e discriminadas. Os loiros de olhos azuis são, desde há muito, figuras que se prestam, na literatura, à posição de classe dominante. Pode-se aí, talvez, excetuar José de Alencar em sua obra indianista, já que como romântico intentou alçar o indígena brasileiro à condição do herói europeu. Graciliano Ramos cria essa personagem e a ela dá o destino dos discriminados, mostrando que a vida árdua é imposta a uma classe social que não detém o saber nem o dinheiro, independente dos traços físicos e da origem étnica que possam ter. Os comentários já feitos dão uma boa visão dessa personagem lutadora, sem recursos materiais, sem escolaridade ou convívio social urbano, porém, de grande profundidade moral e índole apreciável. Fabiano é respeitador, ama, a seu modo, a família e tem um profundo desejo de uma vida estável, sem preocupações com conforto — e nisto difere da mulher, Sinhá Vitória. O narrador fá-lo conviver com a ideia de ser *um humano*: aprecia as palavras longas e difíceis da gente sabida, mas, sendo *um bicho*, é incapaz de compreendê-las e de usá-las.
- **Sinhá Vitória:** mulher de Fabiano, quase não é descrita fisicamente: há breves referências a esse aspecto. Psicologicamente, Vitória é mais "esperta" que Fabiano: conceitua melhor, embora não tenha, como ele, poder de verbalização. É admirada por Fabiano, que vê nela uma grande inteligência, porém, inaproveitada: no episódio da contagem do lucro, as contas de sinhá Vitória não bateram com as do patrão, mas o poder prevaleceu e Fabiano achou que a mulher devia ter errado. Os sonhos dela se concentram na necessidade de ter uma cama de verdade, como aquela que tinha seu Tomás da bolandeira.
- **O menino mais velho:** filho do casal, não é designado na obra, ou pelo menos não é chamado pelos pais por um nome próprio, o que acentua a sua despersonalização. No primeiro capítulo, tem uma vertigem, praticamente desmaia e é agressivamente advertido pelo pai, que chega a pensar em abandoná-lo no caminho. Sua grande companheira é a cachorra Baleia, que o "entende" e que lhe dá afeto. Para ele, todos os lugares conhecidos são bons, e os desconhecidos, associados à seca e ao "mundo ruim". Quando tenta saber da mãe o significado da palavra "inferno" e insiste em que ela lho explique, leva "um cocorote". Triste, desolado, solitário, encontra consolo em Baleia, mas nem ela consegue curar seu grande mal: a solidão, agravada pela incomunicabilidade.
- **O menino mais novo:** assim como o irmão, não apresenta nome próprio no romance, acentuando sua despersonalização. Tem o sonho de ser um dia como o pai, de se transformar em Fabiano e domar os animais e cavalgar como ele. Mas a incapacidade de expressar-se — e, até, de compreender-se — provocada pela incomunicabilidade o impede de dividir seu sonho e sua fantasia com quem quer que seja.
- **Baleia:** cachorrinha da família, é a companheira fiel de todos e grande amiga dos meninos, que encontram nela o afeto e a "compreensão" que a segura dos pais lhes nega. Caça preás, acalenta as crianças, "compreende-as", consola-as e forma, com elas, um mundo de

ingenuidade e sensibilidade que a aspereza do casal não conseguem mais alcançar. Baleia é antropomorfizada e, ao longo da obra, assume o posto de uma pessoa da família. Sua morte, ao final — teve de ser sacrificada — deixa Sinhá Vitória e os meninos inconsoláveis e representa uma profunda agravante da condição da família: agora, sem Baleia, a nova viagem não terá o mesmo consolo, o mesmo apoio.

- **Patrão:** representa o poder — e o abuso deste —, ao mesmo tempo que a exploração dos mais necessitados. Insensível, explorador, ríspido, só pensa em salvar o que puder de seus bens e animai quando a nova seca se aproxima: o flagelo dos empregados é coisa que não lhe diz respeito.
- **Soldado amarelo:** franzino, magro, briguento e enfezado, representa o poder da autoridade — e, mais uma vez, o abuso deste. Sua arrogância leva-o a provocar Fabiano e prendê-lo, além de mandar espancá-lo. No entanto, tanta "autoridade" não encontra eco em atitudes morais dignas: ao fim do romance, quando se vê sozinho, frente a frente com Fabiano, na caatinga, treme e encolhe-se de medo.

O foco narrativo

Vidas Secas é o único romance de Graciliano Ramos feito em terceira pessoa: usa o recurso de narrador-onisciente.

É interessante notar que o autor foi muito feliz na escolha do ponto de vista, se considerarmos que as personagens são desprovidas da capacidade de linguagem, mas incrivelmente sensíveis. Assim, o mundo interior delas é incomensuravelmente mais vasto que sua possibilidade de expressão.

Essa discrepância faz emergir um narrador profundo, um porta-voz plenamente capaz de levar o leitor à fruição da dicotomia entre o "preto-e-branco", o descolorido expressivo de Fabiano e sua mulher — também assim a sua descendência — e a viva coloração da percepção de mundo encarcerada no íntimo daquelas criaturas.

Esse encarceramento da expressão, essa incapacidade de comunicação das personagens torna-as, ainda mais, vítimas das circunstâncias socioeconômicas e culturais a que estão irremediavelmente condenadas.

Nota-se, dessa forma, um narrador plenamente consciente e totalmente responsável pelo mundo literário em que existe a obra de ficção. Trata-se de um dos casos de narrador-onisciente mais completos na Literatura Brasileira.

O tempo e o espaço

A obra se marca inteira num processo dinâmico, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. No aspecto físico, relata uma *mudança* de espaço que se desdobra ininterrupta até que a família de retirantes chegue a uma fazenda abandonada.

Mesmo durante o tempo em que ali estiveram, a perspectiva de caminhada não se afasta de Fabiano — até porque tem certeza da instabilidade de sua vida de vaqueiro —; há um constante movimento psicológico. Depois do inverno — o capítulo divide a obra em duas partes equidistantes — chega o tempo de outra seca, o que vai levá-los a prosseguir sua saga de retirantes.

Marcam cronologicamente o andamento da narrativa as estações do ano, com ênfase no período de verão — marcador do sofrimento com a seca — e o período de inverno que, sendo bom por um lado, porque há água e pasto, também traz sua agressividade — quando o frio castiga a família, uma vez que está precariamente alojada numa casa da fazenda.

Chame-se de "macro cronologia" esse decurso marcado pelo relógio da

Meteorologia. Dentro dessa "macro cronologia" transcorre todo o tempo psicológico, marcador dos estados d'alma de Fabiano e de sua mulher Sinhá Vitória e uma "micro cronologia" ressaltada em alguns fragmentos, tais como a chegada à fazenda em que ficaram:

"Estavam no pátio de uma fazenda. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado..." "Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos..." "Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade..."

... e assim por diante.

Tempo e espaço se marcam numa perspectiva de oposição: seca e chuva, sertão e cidade. Em tal contexto, cria-se o fado dos retirantes: enquanto a seca os impele à retirada, a chuva, que faz a terra produzir, dá-lhes um tempo de estabilidade. Por outro lado, a oposição entre a vida rural e a urbana força-os a aceitar seu lugar, seu próprio espaço: a cidade não é para "aquele tipo de gente", embora a narrativa chegue a seu termo afirmando que

"[...] o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos."

Atividades

1. A respeito de Graciliano Ramos, responda:

a) Quais são os traços mais característicos de seu texto?

b) Que aspecto aproxima Graciliano de Machado de Assis e o distancia dos modernistas?

2. Como explicar o descompromisso ficcional de Graciliano Ramos para com os processos tradicionais da ficção?

3. *Vidas Secas* transita por uma linguagem que expressa o ponto mais alto de tensão entre dois fatores.

a) Cite esses fatores em tensão.

b) Que características de Fabiano indicam que o meio o absorve e o iguala às coisas mais brutas e sem perspectivas?

4. Quando Fabiano vai "ajustar" o gado com o patrão, leva as contas já feitas por Sinhá Vitória. Portanto, sabe quanto deve receber. O patrão, como de hábito, engana-o. Qual a reação de Fabiano nesse episódio?

5. O episódio em que se baseia a questão anterior revela que tipo de relação de Fabiano com Sinhá Vitória?

6. Qual a função da paisagem e do aspecto regional em *Vidas Secas*?

7. No capítulo "Viagem", depois de longuíssima caminhada pela aridez do sertão, Fabiano "avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força... Estavam no pátio de uma fazenda..." Como era a fazenda à qual Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos chegaram e que de longe provocara alegria nele?

8. Observe o trecho: "Agora, enquanto (Baleia) parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também às vezes sentia falta dela" A palavra "também", no fragmento, estabelece que tipo de relação entre os seres mencionados?

9. Que figura de linguagem predomina na descrição das atitudes de Baleia?

10. Justifique a afirmação seguinte; "A obra de Graciliano Ramos resulta de processos estilísticos e contedísticos rigorosamente seletivos, subordinados essencialmente aos limites da experiência pessoal, notadamente sertaneja."